

2025

JULHO - AGOSTO - SETEMBRO

NEWSLETTER TRIMESTRAL

NEWS LETTER







NESTA EDIÇÃO

EDITORIAL

Pág.2



TEMA PRINCIPAL

SUSTENTABILIDADE NAS
EMPRESAS DE CONSTRUÇÃO
Pág.3



DESTAKE OBRA

LIDL, ESTÁDIO E CENTRO
DE FORMAÇÃO - ÉVORA
Pág.7



EVENTOS AOC

Pág.14



CONCURSO FOTOGRAFIA

Pág.19



EDITORIAL



O tema da sustentabilidade leva-me a acreditar que a AOC pode e deve dar o seu contributo para deixar o planeta melhor do que o encontrámos. Ou, pelo menos, não o deixar pior. A nossa Visão, “Fazer Obras de Excelência com Práticas de Sustentabilidade”, é também o nosso Propósito e orienta o caminho que queremos trilhar.

A sustentabilidade é um tema vasto, exigente e em constante evolução. Implica aprendizagem contínua e, muitas vezes, envolve custos significativos. Mas uma causa nobre, como considero que é a Sustentabilidade, deve inspirar abertura para aprender, para mudar hábitos e para encarar esses custos como um investimento com retorno coletivo, a médio e longo prazo.

Nos últimos anos, todos os agentes económicos foram chamados a reportar as suas práticas nesta matéria através dos Relatórios ESG. Em 2025, com a entrada em vigor do Pacote Omnibus, essa exigência tornou-se ainda mais clara. O novo enquadramento veio simplificar as regras de sustentabilidade e reduzir a carga administrativa para as empresas abrangidas pela Diretiva de Relatórios de Sustentabilidade Corporativa (CSRD). Ou seja, já não há desculpas para a inação.

Mesmo as pequenas e médias empresas (PME) têm agora um caminho mais acessível, com as VSME (Normas Voluntárias para PMEs) que simplificam o processo e dispensam requisitos adicionais de reporte da Taxonomia Europeia. Isto é essencial, pois o sucesso das soluções sustentáveis depende da adesão de toda a cadeia de valor. É por isso que é tão importante que também as PMEs saibam onde podem contribuir e como podem comunicar os seus avanços.

Sabemos que os recursos do planeta são finitos. Por isso, a economia circular, baseada nos princípios de explorar, produzir, usar e reutilizar, assume um papel determinante na criação de novos modelos de negócio. Contribui para mitigar simultaneamente a escassez de recursos e o excesso de resíduos. Também a bioeconomia surge como resposta à necessidade de utilizar recursos mais sustentáveis e regenerativos.

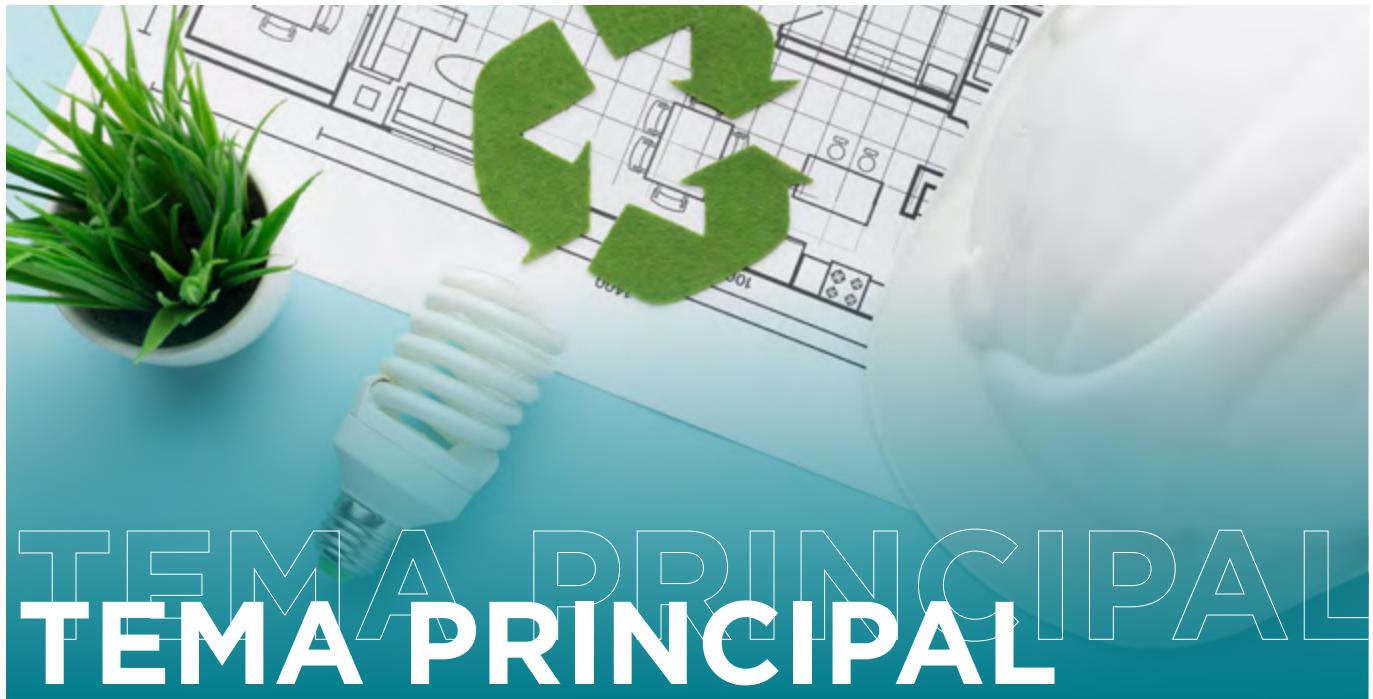
A par disso, a transição energética representa outro desafio inadiável. Esta transformação estrutural, que nos leva de um modelo baseado em combustíveis fósseis para um sistema assente em fontes renováveis e eficiência energética, é essencial para reduzir as emissões de gases com efeito de estufa e travar o aquecimento global. A neutralidade carbónica é, hoje, um dos maiores desafios da humanidade.

Como empresa mid-cap, a AOC assume a responsabilidade de liderar pelo exemplo. Em 2025, demos início a um passo importante com a elaboração e posterior divulgação do nosso primeiro Relatório ESG, preparado de acordo com os requisitos regulatórios e com o objetivo de partilhar conhecimento e boas práticas com os nossos stakeholders.

Nesta newsletter, reforçamos o nosso compromisso com uma construção mais sustentável. Acreditamos que a responsabilidade cresce quando é partilhada e que é juntos que construiremos o futuro que queremos ver.

IDALINA RODRIGUES

Gerente AOC



SUSTENTABILIDADE NAS EMPRESAS DE CONSTRUÇÃO

IMPACTO AMBIENTAL DA CONSTRUÇÃO

A construção civil continua a ser um dos motores da economia portuguesa, empregando milhares de profissionais e contribuindo de forma significativa para o Produto Interno Bruto. Porém, é simultaneamente um dos setores com maior impacto ambiental, devido ao consumo intensivo de recursos naturais, à produção de resíduos e às emissões associadas aos materiais e à natureza das atividades em obra.

Segundo a UNEP (2025), o setor da construção representa cerca de 34 % das emissões globais de CO₂ e 32 % do consumo de energia final. A produção de cimento, por si só, responde por cerca de 7 % das emissões globais de CO₂ (IEA, 2024). Paralelamente, o setor consome aproximadamente metade dos recursos naturais extraídos globalmente (UNEP IRP, 2023), sobretudo minerais não metálicos, como areia, brita e calcário, que constituem a maior parte das matérias-primas usadas na construção.

Todos os anos são geradas cerca de 2 mil milhões de toneladas de resíduos de construção e demolição (RCD) a nível mundial (UNEP, 2025), um dos fluxos de resíduos mais volumosos do planeta. Na União Europeia, estes resíduos representam mais de um terço do total de resíduos gerados (Comissão Europeia, 2024).

Em Portugal, a situação reflete a tendência internacional. Segundo relatório da Agência Portuguesa do Ambiente (APA, 2024), o país emitiu 53,3 milhões de toneladas de CO₂ equivalente em 2023 e registou um consumo interno de materiais de cerca de 160 milhões de toneladas (APA/INE, 2024). No que respeita aos edifícios, a DGEG (2024) indica que os edifícios de habitação e serviços consomem cerca de 30 % da energia final nacional. Quanto aos resíduos, segundo a APA (2018), foram registadas 2,53 milhões de toneladas de RCD, das quais apenas 1,7 milhões foram encaminhadas para valorização em operadores de resíduos licenciados.

Estes números evidenciam a urgência em adotar práticas de construção e de gestão mais sustentáveis. Reduzir emissões, poupar energia e água, prolongar a vida útil dos materiais e diminuir os resíduos deixaram de ser metas opcionais: tornaram-se condição essencial para a continuidade da indústria, para o cumprimento da legislação e para a proteção do ambiente e do nosso planeta.



DESAFIOS PARA AS EMPRESAS DE CONSTRUÇÃO

Tornar a construção civil mais sustentável é uma necessidade cada vez mais clara, mas o setor enfrenta desafios estruturais, técnicos, financeiros e culturais que dificultam essa transição.

Um dos principais entraves é o custo inicial de soluções sustentáveis. A adoção de novos materiais e/ou tecnologias de eficiência energética requer investimento antecipado, mesmo quando o retorno ao longo do ciclo de vida é comprovadamente positivo. Sem incentivos financeiros consistentes, como benefícios fiscais ou linhas de crédito verde, muitas empresas adiam decisões sustentáveis por razões de tesouraria.

A complexidade regulatória é outro fator crítico. Os requisitos ligados à energia, emissões, gestão de resíduos, circularidade, sustentabilidade de materiais e reporte corporativo multiplicaram-se nos últimos anos, criando cenários de difícil interpretação e aplicação.

Ao mesmo tempo, as exigências de transparência corporativa aumentaram. A CSRD (Diretiva de Reporte de Sustentabilidade Corporativa) e as ESRS (Padrões Europeus de Reporte de Sustentabilidade) impõem às grandes empresas da construção a divulgação sistemática de indicadores ESG - Environmental, Social and Governance (Ambiente, Social e Governança), obrigando a

recolha estruturada de dados e à criação de mecanismos internos de governança. Mesmo empresas que não são diretamente abrangidas terão, inevitavelmente, de responder a requisitos provenientes da banca, de clientes e de cadeias de fornecimento, sob pena de perder acesso a financiamento e a concursos.

Há ainda desafios de natureza operacional e humana. A construção é um setor de forte tradição, onde práticas consolidadas há décadas resistem à mudança. A falta de mão de obra qualificada em áreas emergentes como eficiência energética, economia circular, digitalização, BIM, análise de ciclo de vida e monitorização ambiental, limita a capacidade de execução. Requalificar quadros técnicos, formar equipas de obra e integrar requisitos de sustentabilidade no planeamento e na fiscalização exige tempo, método e liderança.



Finalmente, existem desafios de mercado. Projetos sustentáveis que não cumprem critérios reconhecidos (como certificações LEED ou BREEAM, ou critérios de taxonomia europeia) enfrentam dificuldade no acesso a financiamento competitivo. Contudo, investidores e clientes começam a preferir edifícios com menor risco climático, melhor eficiência e maior conformidade futura, o que gradualmente altera a dinâmica de mercado. Assim, os desafios da sustentabilidade não são apenas técnicos ou ambientais: são estratégicos e económicos. As empresas que os enfrentarem estarão mais preparadas para a evolução do setor e para as exigências que deixam de ser tendência e passam a condição de sobrevivência.

SOLUÇÕES SUSTENTÁVEIS E BOAS PRÁTICAS NO SETOR

Os maiores impactos ambientais, económicos e sociais de um edifício não acontecem no fim, mas são pré-determinados na fase de projeto. As escolhas técnicas tomadas em gabinete condicionam emissões, consumo de recursos, circularidade, custo de ciclo de vida, saúde dos utilizadores, e até a capacidade futura de cumprir critérios ESG, Taxonomia ou certificações. Projetar sem incorporar estes critérios equivale a desempenhos inferiores da obra e a operação futura, mesmo que a execução seja exemplar. Apesar dos desafios, já existem soluções concretas, tecnicamente maduras e economicamente viáveis que permitem reduzir o impacto ambiental da construção sem comprometer funcionalidade, segurança ou competitividade.



MATERIAIS COM MENOR PEGADA AMBIENTAL

As especificações de projeto podem considerar a substituição de matérias-primas virgens por alternativas mais sustentáveis. É uma das formas mais diretas de reduzir emissões incorporadas e consumo de recursos.

Incluem-se entre as estratégias mais difundidas:

- agregados reciclados provenientes de resíduos de demolição;
- aço e alumínio reciclados, que consomem substancialmente menos energia do que a produção primária;
- madeira certificada (FSC, PEFC), proveniente de florestas geridas de forma sustentável;
- cimentos com baixo teor de clínquer e ligantes alternativos com menor intensidade carbónica;
- materiais de base biológica com capacidade de isolamento e de armazenamento de carbono;

Estas soluções, quando adequadamente dimensionadas, garantem desempenho compatível com requisitos técnicos e regulamentares, sem sacrificar segurança ou funcionalidade.

GESTÃO DE RESÍDUOS E ECONOMIA CIRCULAR



Reducir desperdícios em obra e valorizar os materiais no fim da vida útil é central para uma construção circular.

Boas práticas incluem:

- projetar para desmontagem, reparação e reutilização;
- separação e triagem de resíduos no local;
- reutilização e reintrodução de materiais na mesma obra ou em novas obras;
- recurso a operadores de resíduos licenciados com operações de valorização;
- preferência por soluções construtivas de baixo desperdício, como sistemas modulares ou off-site;
- digitalização via BIM para antecipar conflitos e reduzir erros que originam desperdício evitável.

A criação de mercado para materiais reciclados é determinante para reforçar esta transição.

EFICIÊNCIA ENERGÉTICA E ENERGIAS RENOVÁVEIS

Projetar, construir e reabilitar edifícios com foco no desempenho energético reduz emissões operacionais ao longo de décadas. Medidas amplamente comprovadas permitem reduções expressivas de consumo, incluindo:

- isolamento térmico reforçado;
- caixilharias de elevado desempenho;
- iluminação eficiente;
- sistemas de climatização inteligentes;
- controlo técnico centralizado.

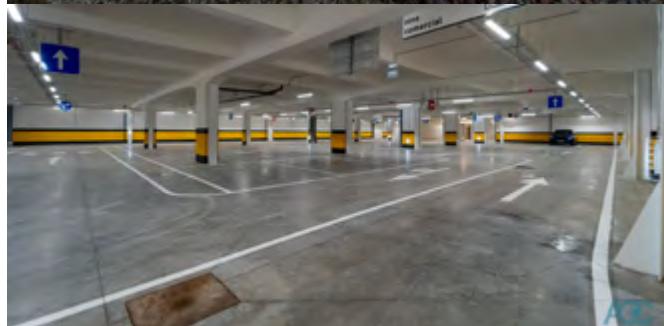
Segundo a IEA (2024), melhorias deste tipo podem reduzir o consumo energético de um edifício em mais de 50 % quando comparado com soluções convencionais.



Edifícios de alta eficiência, nZEB (“Nearly Zero Energy Buildings”, ou “Edifícios de Energia Quase Nula”) ou Passive House, atingem reduções ainda maiores, mantendo conforto e qualidade de ar interior. A produção local de energia limpa através de fotovoltaico, solar térmico ou bombas de calor complementa este esforço, reduzindo dependência fóssil e emissões associadas.

REABILITAÇÃO COMO ATO DE SUSTENTABILIDADE

Sempre que tecnicamente possível, reabilitar é mais sustentável do que demolir. Evita emissões incorporadas já existentes, reduz consumo de novos materiais e prolonga o ciclo de vida do edificado. Técnicas de renovação energética profunda têm permitido modernizar edifícios sem sacrificar integridade arquitetónica ou funcional.

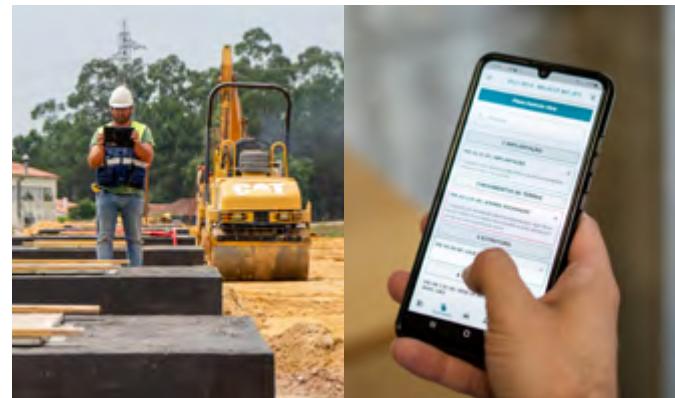


DIGITALIZAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

Ferramentas digitais são hoje um acelerador da sustentabilidade. O BIM, drones, scanners 3D, impressão 3D e sistemas de monitorização em tempo real permitem:

- planear com precisão;
- reduzir erros e retrabalho;
- minimizar desperdícios;
- antecipar riscos;
- melhorar controlo técnico e energético.

A digitalização, quando integrada no processo desde o projeto até à execução e operação, transforma a eficiência de toda a cadeia de valor.



TRANSIÇÃO EM PORTUGAL

Em Portugal observam-se avanços consistentes rumo a uma construção mais sustentável, impulsionados tanto por obrigações regulatórias europeias como pela adoção voluntária de práticas avançadas por parte de promotores, projetistas e construtoras.

A União Europeia traçou metas vinculativas: todos os novos edifícios deverão ser de emissões nulas até 2030 e o parque edificado deverá atingir neutralidade carbónica até 2050, enquadramento confirmado no EPBD Recast (2024) e no Pacto Ecológico Europeu. Portugal acompanhou esta trajetória através do Roteiro para a Neutralidade Carbónica 2050 (APA, 2024) e do PNEC 2030 (DGEG, 2024), que reconhecem a descarbonização como eixo estratégico do edificado nacional.

Nas obras públicas, os concursos passaram a atribuir pontos a critérios ambientais, um dos mecanismos mais eficazes para acelerar a transformação do setor, favorecendo propostas com menor impacto energético, menor pegada de carbono ou maior incorporação de materiais reciclados.

A nível municipal, várias autarquias aderiram ao Pacto de Autarcas para o Clima e Energia, assumindo compromissos de melhoria do desempenho energético dos edifícios públicos e de promoção de novas construções de elevado desempenho, nomeadamente nZEB, **edifícios com necessidades quase nulas de energia**. Este movimento cria sinal regulatório claro para a cadeia produtiva do setor.

Em paralelo, o mercado começa a privilegiar certificações ambientais de edifícios, como LEED e BREEM, que já se encontram em número crescente em empreendimentos residenciais, comerciais, logísticos e hoteleiros em Portugal. Estes projetos demonstram que o desempenho ambiental e económico pode coexistir, reforçando uma tendência de diferenciação competitiva por sustentabilidade.

Este enquadramento cria simultaneamente oportunidade e pressão: as empresas que se anteciparem alinharam-se com a direção da política europeia, com o futuro financiamento verde e com as expectativas de clientes e investidores; as que adiarem verão a sua competitividade diminuir num contexto em rápida mudança.



Edifício Solar XXI, Lumiar, Lisboa

REPORT DAS CONSTRUTORAS PORTUGUESES

A sustentabilidade deixou de ser uma opção reputacional e passou a ser um fator de conformidade, financiamento e competitividade. Com a entrada em vigor da CSRD e das ESRS, as grandes empresas da construção e os seus principais clientes institucionais terão de reportar, de forma padronizada, o seu desempenho ambiental, social e de governação. Mesmo as PME não diretamente obrigadas serão, inevitavelmente, chamadas a fornecer dados ESG como condição de elegibilidade em financiamentos, parcerias ou concursos.



As empresas que já reportam têm vindo a identificar como temas mais materiais no setor da construção em Portugal:

- emissões e eficiência energética do edificado;
- resíduos de construção e demolição e circularidade de materiais;
- consumo e reutilização de água;
- condições de trabalho, segurança e bem-estar em obra;
- ética e rastreabilidade na cadeia de fornecimento;
- uso responsável do solo e impactes locais.

A consolidação destes temas cria um referencial operativo que aproxima o reporte de sustentabilidade das práticas reais de obra, projeto e compra, evitando metas e indicadores desconectados da materialidade do setor.

Paralelamente, surgem sinais de mercado que reforçam o valor económico da sustentabilidade: investidores, banca e clientes começam a favorecer projetos com evidência de menor risco climático, melhor desempenho energético, certificação de materiais e planeamento de circularidade. A integração da Taxonomia da UE no financiamento está a acelerar esta lógica: o acesso a capital competitivo torna-se mais provável quando o projeto ou a empresa demonstram conformidade ambiental mensurável. Entende-se por Taxonomia, o sistema de classificação europeu que define as atividades económicas que são sustentáveis do ponto de vista ambiental.

Ao mesmo tempo, o Pacote Omnibus ESG (2025) procurou moderar a carga administrativa inicial, excluindo cerca de 80 % das PME de menor dimensão do âmbito de reporte e adiando a aplicação às restantes grandes empresas por dois anos. Esta fase de transição cria uma janela útil: permite preparar sistemas internos de medição e governação antes que o reporte integral se torne obrigatório e auditável.

O movimento não é marginal: ele reorganiza a forma como a confiança é criada entre clientes, empreiteiros, projetistas, fornecedores e financiadores. As construtoras que estruturarem agora os seus sistemas de dados, de rastreabilidade e de melhoria contínua posicionar-se-ão com vantagem no ciclo seguinte, em que a sustentabilidade deixa de ser exceção e passa a requisito de qualificação.

A PEGADA DA AOC

Em 2024, a AOC realizou pela primeira vez a quantificação das suas emissões de gases com efeito de estufa, definindo esse ano como ano-base da sua pegada de carbono. Este passo marca a transição da percepção qualitativa para a medição objetiva do impacto ambiental da empresa, condição essencial para definir metas e avaliar progresso.

Em 2025, o processo foi aprofundado com o envolvimento dos colaboradores, através de ações de sensibilização, recolha de dados operacionais e integração da temática climática nos processos internos de decisão. Paralelamente, a empresa lançou a sua estratégia de sustentabilidade corporativa, alinhada com os princípios da CSRD e das ESRS, estruturando assim uma base metodológica coerente com as exigências europeias de transparéncia.

Ao fazê-lo, a AOC junta-se a um conjunto crescente de construtoras portuguesas que tratam a sustentabilidade não como custo administrativo, mas como vetor de modernização, eficiência e competitividade. Esta abordagem inclui o reforço da rastreabilidade na cadeia de fornecimento, a promoção de boas práticas em obra, a análise de materiais com menor pegada e a integração progressiva de requisitos ESG nos critérios internos de decisão.



A experiência do setor demonstra que os ganhos de sustentabilidade só são plenos quando toda a cadeia de valor está alinhada: clientes, gabinetes de projeto, engenheiros, fornecedores, empreiteiros, fiscalizações e utilizadores finais. Cada etapa onde existe escolha, no projeto, na compra, na logística, na execução, na operação, tudo tem impacto acumulado.

A sustentabilidade emergiu, assim, como uma oportunidade de modernização organizacional, vantagem competitiva e criação de valor. O caminho não se mede apenas por metas futuras, mas pelas decisões diárias já em curso.

É tempo de agir... o futuro constrói-se agora.

**RICARDO RODRIGUES
E VITOR MARTINS**

Diretor e Técnico de Qualidade,
Ambiente e Segurança



DESTAQUE OBRA

LIDL, ESTÁDIO E CENTRO DE FORMAÇÃO - ÉVORA

NUNO TEIXEIRA

Diretor de Obra

A) CONTEXTUALIZAÇÃO

Este projeto nasce de um protocolo inovador que une diferentes entidades com um objetivo comum, dinamizar a cidade de Évora, através da criação de infraestruturas de referência que aliam desporto, comércio e bem-estar.



Este processo resulta da conjugação de interesses e visões estratégicas:

Lidl – grupo empresarial mundial de retalho, que além da principal perspectiva comercial, procura proximidade com as populações e aposta em valores de desporto e bem-estar.

Juventude Sport Clube – clube centenário de Évora, com a necessidade de renovar e modernizar as suas infraestruturas.

Câmara Municipal de Évora – entidade que, através de concurso público, disponibilizou espaço para a construção de um estádio de

referência regional, em linha com a sua estratégia de desenvolvimento comunitário.

AOC – empresa responsável pela conceção e execução das edificações, parceira de longa data do Lidl em Portugal.

Em resumo, este protocolo alia a necessidade do **Lidl** em construir uma nova loja num local estratégico, com a necessidade do **Juventude Sport Clube** em renovar as suas instalações desportivas.

B) IDENTIFICAÇÃO

■ Dono de Obra:

- Lidl & Companhia
- Juventude Sport Clube
- Câmara Municipal de Évora

■ Empreiteiro Geral:

- AOC – Aníbal Oliveira Cristina

■ Projetistas & Parceiros:

- AOC – Aníbal Oliveira Cristina
- Megautoria
- CR Espassos
- Engenharia Dinâmica
- Jetsj
- Rigortec
- Ciratecna

C) EMPREITADA – EC21.0019

A intervenção contempla:

- Conceção e licenciamento dos projetos
- Construção do novo **Estádio Juventude Sport Clube**
- Construção da **Alameda (CME)**
- Construção do **Centro de Formação e Estágios do Juventude Sport Clube**
- Obras de **Urbanização**
- Construção da **Nova Loja Lidl**, incluindo a demolição do antigo Estádio Sanches Miranda
- Execução do processo e projetos de renovação do **Coletor de Águas Pluviais da Av. Horta das Figueiras**, com especial atenção aos serviços afetados

A conceção do projeto contou com o uso e fluxos BIM, de todas as especialidades, diminuindo as possíveis incompatibilidades, aumentando o sucesso do projeto.

D) PLANEAMENTO E PRAZOS

Duração total prevista: **18 meses**

▪ 1^a Fase – Zona 1

- Construção do novo Estádio Juventude Sport Clube

▪ 2^a Fase – Zona 2

- Construção do Centro de Formação e Estágios do Juventude Sport Clube
- Obras de Urbanização
- Construção da Nova Loja Lidl (com a demolição do antigo Estádio Sanches Miranda)



E) CARACTERIZAÇÃO – 1^a FASE

Numa área de 48.000 m², nasce um Estádio de Futebol com uma capacidade de 3000 lugares extensível a 5000 m², um parque de estacionamento com capacidade superior a 260 lugares, uma Alameda e uma bacia de retenção para gestão das Águas Pluviais.





D.1) ESTÁDIO

Bancadas Principal – Coberta (2500 lugares)

Piso 0:

Balneários (Jogadores, Equipa Arbitragem, Treinadores e STAF)
Zonas administrativas
Zonas Técnicas (Lavandaria, Salas de Impresa, Gab. Medico...)
Ginásio
Sala de Trofeus
Restaurante
Lugares Mob Reduzida

Piso 1:

Instalações Sanitárias
Zonas de Forças de segurança e Socorros
Arrumos
Bar
Acessos

Piso 2:

Instalações Sanitárias
Zonas de comunicação social
Acesso Tribunas

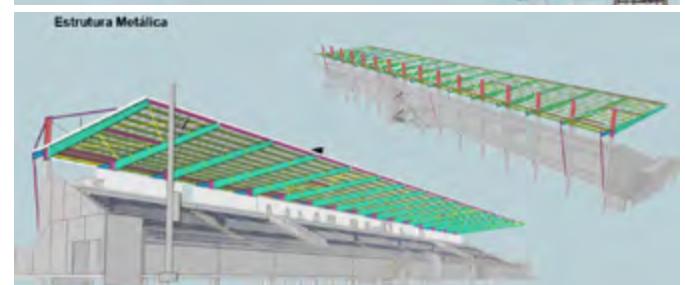
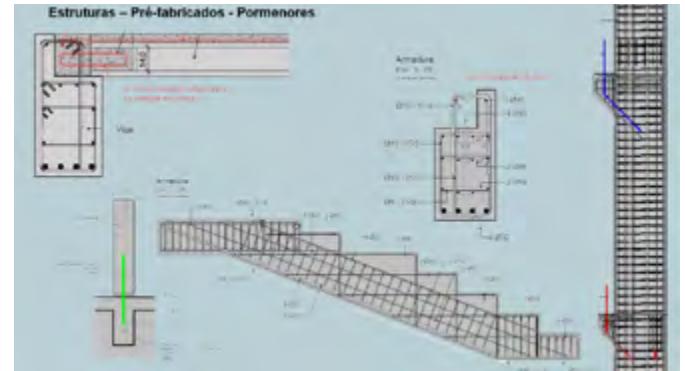
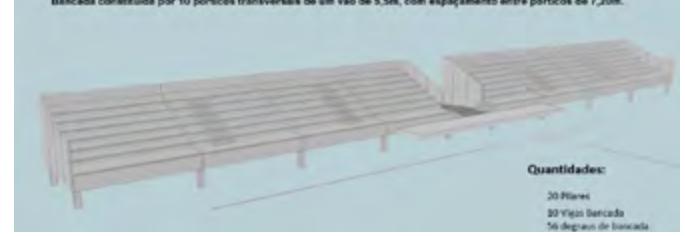
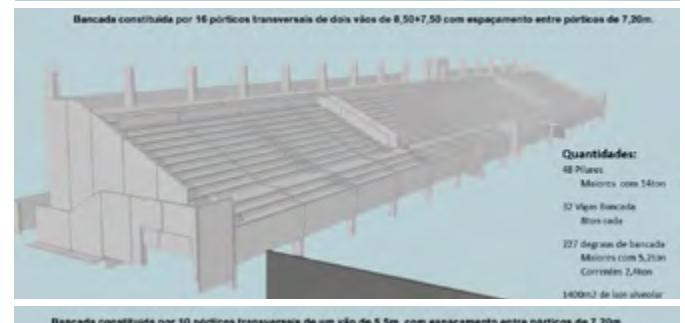
Bancadas Secundaria – (500lugares)

Piso 0:

Instalações sanitárias
Zonas Técnicas (Arrecadações)
Reserva de Bar

D1.1) CURIOSIDADES:

Estrutura





Especialidades

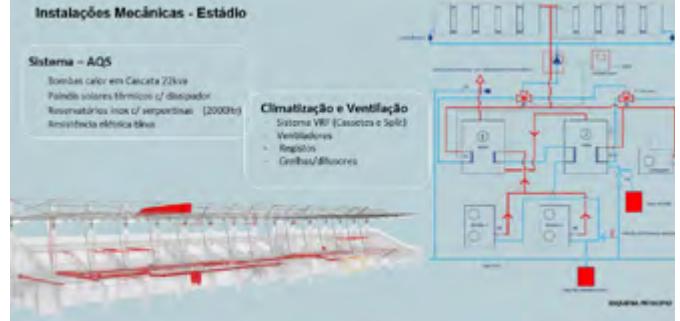
Instalações Mecânicas - Estádio

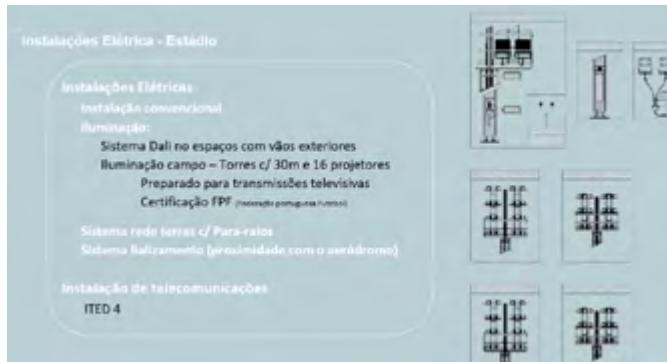
Sistema - AQ5

Bombas calor em Cascata 22kW
Painéis solares térmicos c/ dissipador
Reservatórios inox c/ respiadores (2000lt)
Resistência elétrica lâmina

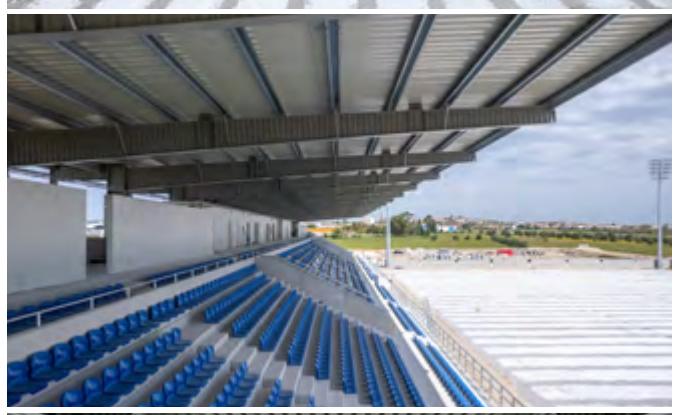
Climatização e Ventilação

Sistema VRF (Cassete e Split)
Ventiladores
Receptores
Centrífugas/Bloqueios





Dados económicos





INAUGURAÇÃO ESTADIO

F) CARACTERIZAÇÃO _ 2ª FASE

Na área de 38.500 m², onde antes se erguia o antigo Estádio Sanches Miranda, nasce um projeto que moderniza esta zona da cidade e reforça a ligação entre desporto e comunidade, sobretudo das gerações mais jovens.

Esta fase contempla:

Nova Loja Lidl

- Construção de Loja alimentar, 2.400 m² de área útil
- Construção de Parque exterior com 145 lugares de estacionamento (incluindo mobilidade elétrica e espaço para autocaravanas)

Centro de Formação Desportivo (JSC)

- Construção novo campo e requalificação do existente
- Construção de bancadas periféricas
- Construção de Novo edifício administrativo
- Construção de núcleo de balneários de apoio aos dois campos

Obras de Urbanização

- Reconfiguração do acesso ao atual pavilhão sede do Juventude Sport Clube
- Construção de Nova rotunda Rua Horta das Figueiras, e reconfiguração da existente, e execução de pavimentações.
- Requalificação e construção de novas infraestruturas urbanas

Rede Águas abastecimento e incendio (Incluindo a Avenida Horta das Figueiras)

Rede Iluminação Publica

Rede Itur e Ited

Rede Pluvial e Esgotos



“Este projeto não é apenas construção.”

É regeneração urbana, é mobilidade inteligente, é proximidade entre comércio, desporto e comunidade.”



EVENTOS AOC

INAUGURAÇÃO EBI S.ROMÃO

Apresentação pública do início da construção da nova infraestrutura educativa ao cargo da AOC que irá nascer em S. Romão, em que se recebeu no local da futura escola o Presidente da Câmara de Leiria, o Dr. Gonçalo Lopes, a Vice-Presidente e Vereadora da Educação, Dr.^aAnabela Graça e o Eng.^o Ricardo Gomes, Vereador das Obras Municipais.



VISITA TÉCNICA MERCADONA VALE SEPAL

Visita técnica que teve como objetivo dar a conhecer de perto aos colegas de diversos projetos e departamentos do escritório não só o projeto, mas também os desafios enfrentados pelas equipas no terreno. É uma oportunidade de contacto direto com o ritmo da construção, promovendo o conhecimento mútuo e uma visão mais integrada do nosso trabalho.



FAZEMOS ACONTECER

As sessões “Fazemos Acontecer” visam a partilha e melhoria contínua e tem como principal objetivo discutir as várias fases de obra/projeto até à sua conclusão. A apresentação é efetuada a toda a organização e é da responsabilidade da equipa técnica de cada obra.

- LIDL BOMBARRAL
- LIDL MAFRA
- LIDL PERAFITA



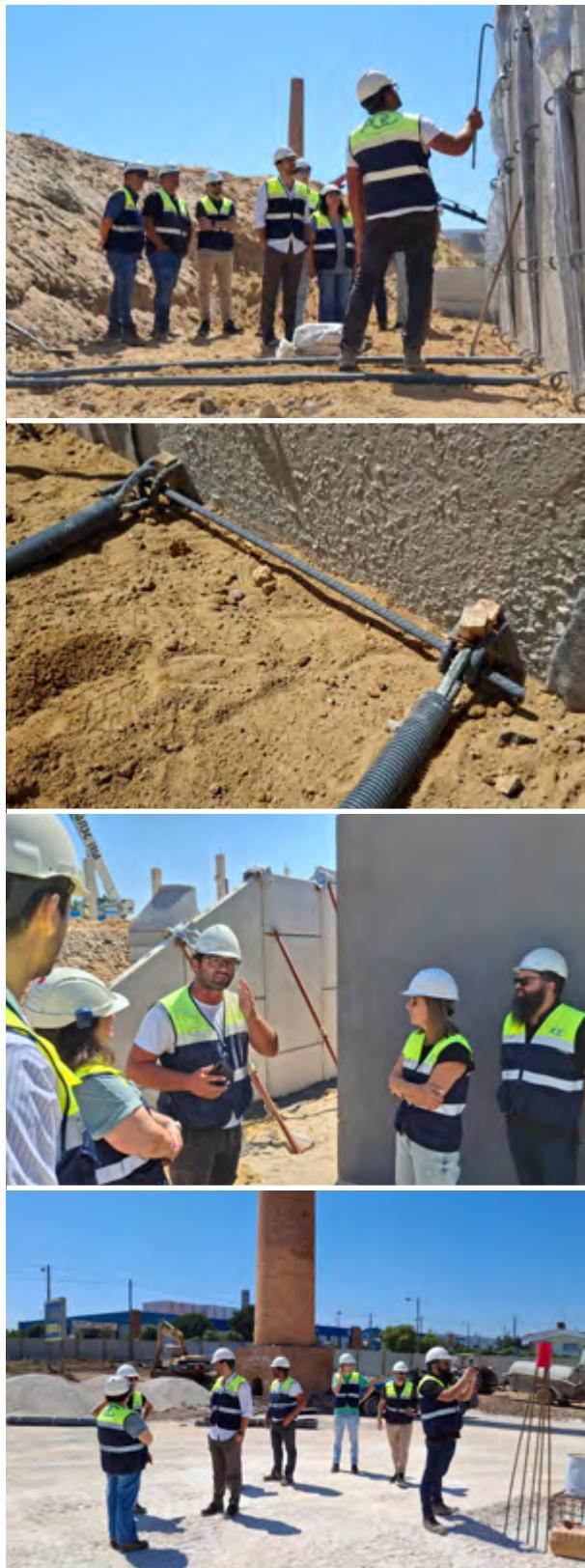
ação para
ntagem Pré
ricado

004 – LIDL MAFRA

VISITA TÉCNICA LIDL

PORTO DE MÓS

Com o objetivo de aproximar as experiências entre as equipas de escritório e as equipas de obra, levámos o nosso departamento técnico-comercial ao futuro Lidl Porto de Mós para acompanhar e verificar como decorrem os trabalhos de construção da nova loja de retalho, como foco particular no muro de contenção do tipo terra reforçada, e com uma especial apresentação dos cuidados de execução ministrada pelo nosso encarregado. Aprender e partilhar.



FORMAÇÃO DL50/2005

- VERIFICAÇÃO DE EQUIPAMENTOS

No âmbito do Decreto-Lei n.º 50/2005, a AOC promoveu internamente uma ação de formação dedicada à verificação de equipamentos de trabalho.

O objetivo desta iniciativa foi capacitar os trabalhadores para a elaboração de listas de verificação, a análise de riscos associada aos equipamentos e a aplicação de boas práticas de segurança, reforçando assim a cultura de prevenção e proteção no local de trabalho.



FORMAÇÃO EXCEL – FUNCIONALIDADES AVANÇADAS

A AOC está a realizar uma formação de Excel, orientada para o desenvolvimento de competências técnicas no uso da ferramenta, por parte dos trabalhadores de vários departamentos.

Esta ação tem como finalidade otimizar o trabalho diário dos trabalhadores, melhorar a análise de dados e aumentar a eficiência dos processos internos.



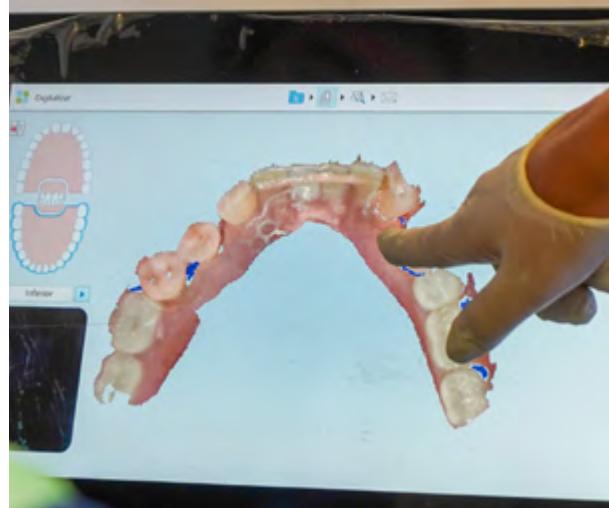
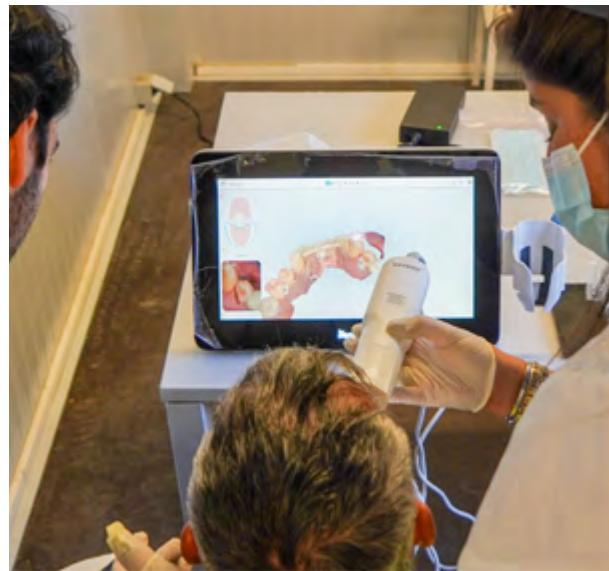
ACOMPANHAMENTO REFORÇO PAVIMENTO POR INJEÇÃO (VIDIGUEIRA)

O acompanhamento pós-venda é peça fundamental no nosso crescimento. É nesta fase dos nossos projetos que avaliamos a eficácia das soluções implementadas e temos a oportunidade de testar e avaliar novas soluções e produtos, sempre com uma abordagem técnica. Com esta abordagem, explorámos a possibilidade de reabilitação de um pavimento de betão armado com a técnica de injeção de resina expansiva, convidando os nossos colaboradores a estarem presentes. Infelizmente verificámos com os ensaios preparatórios que a solução não se adequava para a situação específica, contudo, pudemos aprender o que implica e quais os seus limites.



RASTREIO DENTÁRIO

Realizou-se na obra da EBI de São Romão, o primeiro rastreio dentário para os nossos colaboradores, no âmbito das nossas ações de promoção de saúde e bem-estar, que teve como objetivo detectar precocemente doenças/problemas de saúde oral e sensibilizar a população para a necessidade da manutenção de uma boa saúde oral, promovendo a prática de hábitos para uma vida saudável.

IRO'S -
SUSTENTABILIDADE

No âmbito da integração da sustentabilidade na estratégia da AOC, realizaram-se sessões de identificação de Impactos, Riscos e Oportunidades (IROs) com colaboradores de todos os departamentos. Estas sessões avaliaram como as atividades da empresa afetam o ambiente e a sociedade, bem como os riscos e benefícios associados. A iniciativa promove uma visão global sobre sustentabilidade e reforça o compromisso da AOC com uma gestão responsável e resiliente, orientada para o futuro.



CONCURSO CONCURSO MENSAL FOTOGRAFIA

AO
MÊS

1.º



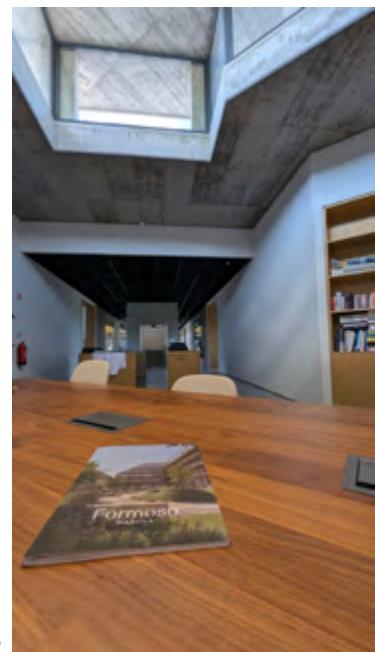
2.º



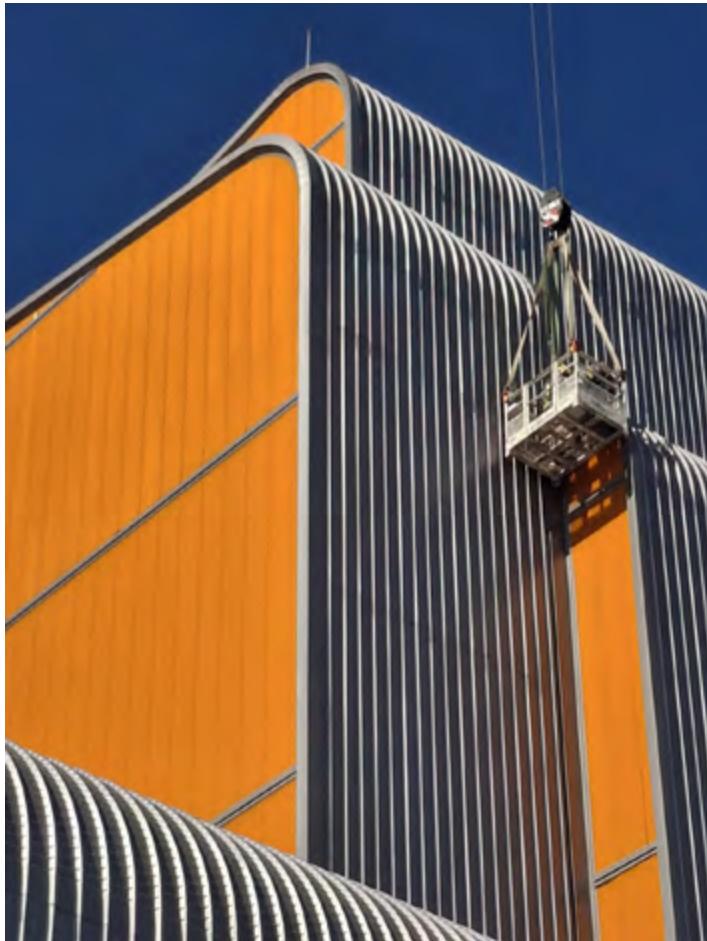
3.º



1.º - CARLOS CARVALHO - LIDL PORTO DE MÓS
2.º - JOÃO MATIAS - MERCADONA VALE SEPAL
3.º - LUIS ANTUNES - LIDL PORTO DE MÓS



1.º - PATRÍCIA NEVES
2.º - ALTAIR JÚNIOR
3.º - NELSON GODINHO



1.º

2.º



3.º

1.º - RICARDO RODRIGUES
2.º - FELIPE GONÇALVES.
3.º - ANA CRISTINA



NEWS LETTER